



APROXIMAÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM A INDÚSTRIA CULTURAL

Paula Aragão, Luciana Fiamoncini,
Andreia Rodrigues de Souza Cardoso

RESUMO

O presente ensaio traz uma breve contextualização histórica sobre o movimento da Teoria crítica com foco na discussão da Indústria Cultural e semicultura, abordando o tema no âmbito da Educação Física. O objetivo é mostrar como os estudos dialogam com o conceito de Indústria Cultural e o quanto essa interação é pertinente. Essa aproximação foi proposta por meio da relação entre o conceito de IC e quatro temas da Educação Física: arte, saúde, lazer e escola. Para tanto, buscamos artigos científicos em quatro revistas da área: Motrivivência, Movimento, Pensar a prática e Educação e Sociedade. Ao final, percebemos a importância de uma formação emancipatória, capaz de desencadear atitudes críticas e autônomas, para além do que está posto cotidianamente.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Crítica; Indústria cultural; Semicultura; Educação física.

INTRODUÇÃO

A Teoria Crítica (TC) é uma das teorias difundidas no nosso século que percorre caminhos permeando e apresentando novos horizontes de discussões no âmbito educacional desde a década de 1930. E a Indústria Cultural (IC) é um conceito tão mais disseminado quanto a própria teoria no qual foi desenvolvido e é frequentemente revisitado por pesquisadores educacionais.

Esses conceitos nos incitam a entender o funcionamento da nossa sociedade consumista e em especial ligada à criação dos meios pelos quais o consumo é incentivado. Por isso, o contexto filosófico atual ainda põe a teoria e seu principal conceito como quesitos-chaves para não só compreendermos a atualidade - apesar de ter sido criado há seis décadas - mas para buscarmos uma formação humana pautada no esclarecimento que, conseqüentemente, modificará o contexto no qual a sociedade se desenvolve.

Diversos campos do conhecimento como a filosofia e a sociologia se apoiam em estudos referentes à TC em suas áreas de pesquisa por considerá-lo pertinente para discussões referentes ao consumismo, mercadorização e espetacularização de tudo e todos que nos cercam. Visto a importância dada na atualidade à teoria, mas principalmente à IC, queremos contextualizar e compreender como esse processo ocorre com relação ao campo da Educação Física. Porém, precisamos compreender o contexto da *escola de pensamento* que gerou tais termos que - com certo atrevimento - a imortalizaram.

Visando apresentar o diálogo entre temáticas da Educação Física com o conceito de IC e o quanto essa interação é pertinente nos nossos dias, trazemos uma breve aproximação de quatro áreas de pesquisa em EF (arte, saúde, educação física escolar e lazer) e o conceito IC. Buscamos artigos científicos em quatro revistas: *Motrivivência*, *Movimento*, *Pensar a Prática e Educação e Sociedade*. Os artigos selecionados foram escolhidos através de uma busca combinando os termos arte; saúde; Educação Física Escolar; lazer e os outros referentes à IC (Indústria Cultural; Teoria Crítica; Marx Horkheimer; Theodor W. Adorno).

A constituição deste ensaio se dá como uma evolução do conceito IC e do conceito de semicultura, a partir de uma reflexão das obras de Adorno e Horkheimer, seguida de uma aproximação atualizada com autores que manifestam uma afinidade com o conceito e essa reformulação característica da TC. O entrelaçamento entre as temáticas de pesquisa da EF e os conceitos apresenta uma forma atual de trato, já que tal aproximação se dá pelo cunho formativo da teoria. Por isso, apresentamos a pertinência formativa do conceito como a possibilidade de reflexão a partir de sua relação com muitas temáticas atuais, além de mostrar que ainda há muito a se refletir a partir do conceito de IC e que o elemento formativo é uma chave para a discussão.

FRANKFURT: UMA REFERÊNCIA SIMBÓLICA

Para relembrar o histórico da Escola de Frankfurt e alguns aspectos sobre sua fundação como Instituto de Pesquisa Social (IPS) - principais teóricos e continuidade após a segunda guerra mundial – destacamos a partir das obras de Nobre (2004) e Freitag (1994) três momentos importantes: a) a direção do IPS por Max Horkheimer; b) as principais produções da TC e IC marcada pelo retorno de Theodor Adorno e Max Horkheimer para reconstruir o Instituto na Alemanha em 1950; e, c) a liderança de Habermas que propõe o paradigma da razão comunicativa (1970), que sugere repensar o sentido de emancipação, levando a um novo conceito de racionalidade em que o instrumental (ações) convive com a racionalidade “comunicativa” (entendimento)¹.

A expressão Escola de Frankfurt remete a seus pensadores e à Teoria Crítica. Esse conceito foi baseado nas produções de Max Horkheimer, o qual traz elementos históricos e culturais fundamentados em uma intervenção político-intelectual. De acordo com Nobre (2004) a sua origem está em um texto escrito por Horkheimer em 1937, intitulado *Teoria*

¹ Neste estudo o terceiro momento da Teoria Crítica não será aprofundado, visto que o foco deste texto é a Indústria Cultural.

Tradicional e Teoria Crítica, em que o autor expõe, argumenta e diferencia a teoria tradicional, apresentando seus limites e apontando a crítica como avanço.

O significado de teoria é visto como um conjunto de ideais que orientam a ação (prática) e crítica significa dizer o que é em vista do que ainda não é, mas pode ser. Ou seja, ser crítico é ver a partir do já existente, a perspectiva do novo, de algo melhor que possa ser realizado. A TC se confirma na ação, pois busca na prática transformadora das relações sociais a constituição ou confirmação da sua teoria. Pois “a prática é um momento da teoria” (NOBRE, 2004, p. 12). O primeiro princípio da TC é a orientação para a emancipação e o segundo o comportamento crítico. Eles são herdados de Karl Marx e procuram mostrar a possibilidade da sociedade emancipada, em que a teoria busca identificar e analisar os possíveis obstáculos para uma potencial emancipação.

Horkheimer e Adorno investigaram a razão humana para compreendê-la nas relações sociais buscando relações igualitárias entre homens e mulheres e homens. Questões que se fizeram importantes diante do capitalismo que criou e reforçou relações de desigualdade, exploração e injustiça.

Na atualidade, afirma Freitag (1994), a TC se evidencia não pela sua capacidade de preservar uma “escola de pensamento”, mas ao contrário, por sua capacidade de renovação, reformulação e autocrítica. Assim, percebemos que ainda hoje tanto a TC quanto a IC são conceitos que abrangem não somente a sociologia ou a filosofia, mas também outros campos do conhecimento como é o caso da Educação Física.

INDÚSTRIA CULTURAL X CULTURA ESPONTÂNEA

O termo Indústria Cultural tem por base a ideia de que a cultura humana deixou de ser espontânea para se tornar um âmbito de exploração econômica voltado para o lucro e manutenção do sistema capitalista. Os meios de comunicação, tecnológicos e de entretenimento se tornaram a nossa visão da realidade na sociedade contemporânea.

De acordo com Duarte (2007) estes meios têm seu compromisso firmado com a rentabilidade na realização de negócios e na busca da manutenção da estrutura que lhe possibilita obter tais lucros e manter seu poder de influência, gerando um a manutenção do estado de manipulação, de aparente liberdade, da regressão da espontaneidade, da privação.

A relação entre mercadoria e consumo é abordada enquanto papel da alienação da IC, pois como descrevem Adorno e Horkheimer (2006), a cultura passa a conferir a tudo um ar de similaridade. E assim os setores de entretenimento e informação - cinema, rádio e revistas -

são coerentes em si mesmo e em conjunto, uma vez que constituem um sistema correspondente.

O raciocínio mercadológico se aplica à sociedade de modo que “para todos algo está previsto; para que ninguém escape, as distinções são acentuadas e difundidas” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 58). Essa missão é possível, pois os consumidores são atingidos por um fornecimento hierárquico organizado de modo que cada qual se comporta espontaneamente conforme sua classe social e consome a categoria dos produtos de massa fabricada para certo poder aquisitivo. Deste modo, a IC adquire o poder de dominar os sujeitos e sua capacidade e habilidade em consumir por meio dos aspectos ligados ao espetáculo, à sedução, à promessa de que o consumo trará um sentimento de contentamento.

A IC direciona o interesse das pessoas por padrões estéticos e culturais que acabaram por destituir sua identidade cultural e pessoal, as pessoas têm seus interesses, necessidades e vontades influenciadas e manipuladas sem que percebam, pois, imediatamente outro produto chega ao mercado, novas descobertas tecnológicas e científicas são anunciadas em um determinado produto sempre de forma atrativa para garantir a venda das mercadorias e a adaptação do indivíduo como um consumidor em potencial. O consumidor é desobrigado de qualquer crítica, passa a querer apenas digerir facilmente o que a ele se apresenta e em virtude da vida curta dos produtos, parte constantemente em busca do “novo” consumível.

Adorno (2002) afirma que o sujeito se adapta e aceita o que a IC traz por meio da mídia, pois não têm condições de contestar frente suas limitações enquanto um indivíduo acrítico, constituindo uma forma de submissão. Apesar disso, entendemos que nem todos os sujeitos são acríticos, pois a própria Teoria Crítica nos mostra essa relação de dominação/manipulação e oferece subsídios para resistência, para crítica e para mudança da realidade a partir da emancipação. Apesar de imersos neste contexto de dominação da IC, podemos pela crítica, encontrar brechas para a experiência autêntica acontecer.

TEORIA DA SEMICULTURA

A teoria da semicultura teve origem no texto de Adorno de 1959 (*apud* DUARTE, 2007), na constatação de que “reconhecidamente há uma crise nos mecanismos de formação cultural (Bildung) que é indício de uma crise mais ampla da própria cultura” (p. 93). E esse pressuposto surge em meio à explicação de que o termo cultura não é aqui entendido como “santificado”, ou seja, deve-se levar em conta a “neutralidade” da cultura, para que ela não se transforme em semierudição ou semiformação. Este é um conceito construído como elemento

de crítica da ideologia, e revela-se no fato de que a semicultura não corresponde à falta de cultura, mas a um processo que impede a possibilidade libertadora até da incultura.

Assim, a semicultura é apresentada mais do que na pura ingenuidade dos sujeitos, mas é resultado de uma exploração do estado de ignorância, um despreparo para tal apelação. O cerne da semicultura adorniana, origina-se na “ideia de que as camadas desfavorecidas da população, antes que tivessem podido se ‘formar’ propriamente, tornara-se facialmente presa da forma atual - tecnologicamente mediada - da ideologia, isto é, a indústria cultural” (DUARTE, 2007, p. 95).

A IC pretende deseducar os indivíduos evitando que eles percebam e possam usufruir de algo por eles mesmos com autonomia, permanecendo o estado de semiformação diante dos processos culturais. Pois,

A vida, modelada até suas últimas ramificações pelo princípio da equivalência, esgota-se na reprodução de si mesma, na reiteração do sistema, e suas exigências descarregam-se sobre os indivíduos tão dura e despoliticamente, que cada um deles não pode se manter firme contra elas como condutor de sua própria vida (...) (ADORNO 1996, p.399).

Apesar desse panorama pessimista, Theodor Adorno acreditava que a produção artística autônoma consegue escapar das amarras da semicultura, em virtude do potencial que sobressai ao seu fetichismo, por isso Duarte (2007) afirma que a produção artística é objeto cultural íntegro e simboliza a capacidade humana para a autonomia e a liberdade.

Em resumo, a IC se consolida na aceleração do processo de mercadorização da cultura e da consequente semiformação cultural, visto que o “não-saber” apresenta um caráter emancipador para um “novo-saber”, enquanto o “semi-saber” privilegia a adaptação e impede a reflexão crítica. Assim, Pires (2002) reflete sobre a semicultura esportiva e aponta para a mercadorização do futebol brasileiro que transformou o torcedor em telespectador consumidor acrítico destacando a necessidade de emancipação através da formação cultural auto-reflexiva e crítica. Diante disso, propomos algumas reflexões sobre a Educação Física e a IC, a partir de temas como a arte, a saúde, o lazer, a escola.

APROXIMAÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM A INDÚSTRIA CULTURAL – DO PONTO DE VISTA DA ARTE

A situação da arte na cultura contemporânea é tratada no livro Teoria Estética, em que Adorno fala da ‘perda de evidência da arte’, referindo-se a arte que se torna conivente com os poderes estabelecidos, tornando-se mercadoria cultural. Essa crise surge com a mudança de patrocínio e tutela da arte (antes nas mãos da igreja e aristocracia), e dá lugar ao mercado de

bens culturais, impedindo a emancipação da arte. O autor reconhece que “há na expressão artística uma comunicação subcutânea com a vida social, de modo que os artistas – voluntária ou involuntariamente, consciente ou inconscientemente – sempre refletem a sociedade que lhe serve de berço” (DUARTE, 2010, p. 224).

Nesse panorama, Theodor Adorno entende que a autonomia da arte, é marcada pela heteronomia (características próprias submetidas a leis externas) e por situações de atração e repulsão. Para ele “a arte é a antítese social da sociedade, impossível de ser imediatamente dela deduzida” (ADORNO citado por DUARTE 2010, p. 225). Isso evidencia o ‘caráter ambíguo da arte’, pois, a importância da singularidade do artista é inegável, sendo que, ao moldar sua obra, o artista não pode evitar o reencontro com a sociedade/realidade. Por isso, a diferenciação entre as mercadorias culturais e as obras de arte.

As mercadorias culturais são construídas para a venda e consumo como um produto qualquer, para entretenimento das massas, as quais têm seus gostos e necessidades manipuladas. Já a obra de arte autêntica pode ser negociada sem se tornar mercadoria cultural, pois não depende de um fim externo (enfeitar uma sala, por exemplo) para existir.

Mas, a arte como mercadoria cultural, torna-se parcela heterônoma praticamente absoluta, deixando de existir a dialética entre a autonomia e a heteronomia. Destaca-se nesse contexto o caráter de fetiche do bem cultural (desejo de consumo, necessidade de posse), pois Adorno observa a conversão dos antigos apreciadores de arte em consumidores de mercadorias culturais, ou seja, ao invés do prazer de apreciar uma obra de arte, “o que se busca é estar informado, o que se quer é conquistar prestígio e não se tornar um conhecedor” (DUARTE 2010, p. 228). Apesar das dificuldades, Adorno aponta saídas para a situação atual da arte na própria arte.

O conceito de desartificação refere-se à ideia do fim da arte pela tendência de se descaracterizar em relação a sua criação livre visto a espoliação sofrida devido à ação da IC e também à denúncia da própria arte como uma forma de reação e criações de obras de arte de teor crítico, como espécie de antídoto ao olhar adestrado. Então, para Duarte (2010) a desartificação coincide com uma reconciliação da humanidade em que a vida se tornaria arte e o potencial de cada pessoa poderia ser livremente desenvolvido.

Como perspectivas apontadas, Adorno expõe a noção do belo natural, que não se rende a reprodução, abrindo caminho para a sua compreensão como horizonte de criação e da experiência das obras de arte contemporâneas. Trata-se de indicar perspectivas das obras de arte como capacidade de denunciar o estado de coisas, fazendo recuperar a esperança de

superação das dificuldades atuais, posto que: ‘a arte é promessa de felicidade, a qual é quebrada’ (ADORNO citado por DUARTE 2010, p. 242).

Essas ideias de Adorno sobre a arte (expressão, denúncia, transgressão, etc.), possibilita pensarmos sua presença na Educação Física, visto a necessidade ter em conta o que a IC tem produzido à primeira, ou estaremos apenas reforçando os domínios desse mundo administrado. A criação, o imaginário, a expressão de conteúdos da personalidade, a quebra de padrões do cotidiano, a intuição, a sensibilidade, a capacidade de reação mais espontânea, entre outros fatores, podem facilitar a apreensão da cultura no sentido da construção de novos significados.

Schwartz (1999) propõe a arte no contexto da Educação Física e salienta semelhanças entre arte e jogo sugerindo a formação de indivíduos construtores de suas culturas ao invés de expectadores e consumidores passivos. Entende que “arte e jogo são formas abertas de expressão e permitem que o expectador se relacione com elas” (p.50).

Diante disto, entendemos que a Educação Física pode realizar uma “desartificação” do jogo, da dança, do esporte, da ginástica, no momento em que se pode questionar a reprodução dos movimentos por meio da experimentação e da construção do aluno atuante e corresponsável pelo andamento das aulas. Nesse contexto, a presença da arte se faz pela criatividade, expressividade e autonomia, oportunizada aos alunos.

Na pesquisa realizada por Nepomuceno (2010), em que foram entrevistadas pessoas em espaços de dança informais, para averiguar como a IC tem influenciado no movimento dançado, foi identificada a presença marcante e repetitiva das danças difundidas na mídia, evidenciando que a dança é mais um dos produtos da IC, com movimentos estereotipados que ditam a próxima dança da moda. É revelado que quem foge dessa normatização de realização dos movimentos pré-determinados, sente-se ridículo, pois o normal para essas pessoas é ser semelhante. E, como se refere Zuin (2001), “a provável sensação de monotonia é facilmente compensada pela felicidade de se sentir integrado”. Identifica-se assim que a cultura e seus produtos são um meio de integração e de reafirmação da cultura existente.

Vista dessa forma, a arte na Educação Física permite que encontremos esses momentos permitindo o acontecimento da arte espontânea. É preciso que estejamos abertos e dispostos a possibilidades inesperadas, permitindo que o movimento flua, pois daí poderemos expressar nossa subjetividade e então perceber o que podemos realizar e criar. Acontece na dança quando deixamos que o movimento aconteça sem uma determinação anterior, sem nos preocuparmos com o modo exato do movimento acontecer, sem pensar anteriormente na

forma que o mesmo pode adquirir. O que importa é a sensação, o significado que terá para cada um de nós e que, portanto, nos move em tal direção.

APROXIMAÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM A INDÚSTRIA CULTURAL – DO PONTO DE VISTA DA SAÚDE

À sombra do conceito de saúde a Educação Física é apontada pela mídia como uma área capaz de contribuir para controle e prevenção de comorbidades, desenvolvendo nesse discurso midiático um novo papel social influenciado também pela estética e pela indústria farmacêutica. Por meio de grande quantidade de informações para modelar, cuidar e embelezar o corpo de mulheres e homens a Educação Física apresenta cada vez mais uma característica de prevenção da “feiura”, ou seja, aquisição da forma física adequada àquela imagem de beleza sutilmente direcionada aos consumidores, que não medem esforços para alcançar essa imagem.

Pensando em saúde o sintoma dor é considerado indicador de algum problema a ser diagnosticado e tratado, entretanto, Torri, Bassani e Vaz (2007), ao analisar o ambiente de uma academia de ginástica em uma capital brasileira encontraram uma naturalização do sintoma dor apresentando para eles outras significações como sinônimo de resultados e de preço a ser pago para conquistar o corpo desejado pelo imaginário social veiculada pela IC da beleza. Arelada a dor Torri, Bassani e Vaz (2007) também identificaram a privação e o sacrifício como formas de compensação na busca pelo corpo perfeito das capas de revistas.

Assim como a imagem corporal, o tratamento de doenças e de sintomas (entre elas a dor) também é permeado por estratégias midiáticas que conferem status ao produto/medicamento tais como poder, segurança, reconhecimento social, sensualidade, felicidade etc., que provocam atitudes de identificação fascinada e acrítica comprovadas por Telles, Costa e Severiano (2009) quando compararam os medicamentos marcas com os medicamentos genéricos e identificaram o papel homogeneizador e alienante da IC também sob influência da Indústria Farmacêutica.

O uso isolado ou em conjunto de medicamentos, ginásticas e/ou próteses (técnica cada vez mais comum no Brasil), são mecanismos para eternizar o corpo jovem que atende àquele ideal de corpo perfeito constituído no imaginário social como sinônimo de saúde e felicidade adequado à sociedade atual. Silva e Gomes (2008) apontaram uma correlação entre as imagens corporais de um seriado de TV com figuras mitológicas, entre elas Apolo, deus grego da beleza, juventude e da Luz, evidenciando o direcionamento e a busca pelo ideal de

corpo perfeito.

Essa busca não se limita aos corpos homens e mulheres, mas se estende a visualização dessa imagem representada em seus filhos. Assunção, Assis e Campos (2012) analisaram a educação dos corpos infantis na revista “Pais & Filhos” no período de 1968 a 1977 e identificaram que a criança bela é branca, magra ou robusta, limpa, envolta por roupas alegres e modernas, que se alimenta bem, brinca, se movimenta e se desenvolve de acordo com a norma. Ainda segundo os autores, a revista “Pais e Filhos” se apropria dos saberes da medicina e da psicologia para fundamentar seu discurso sobre a saúde das crianças que se configura não apenas como ausência de doenças, mas também como um estilo de vida.

Percebe-se assim, que a IC, instrumentalizada pela mídia, exerce sua influência para alienar o cidadão, pois “o corpo é educado desde a infância por saberes, práticas e pela materialidade do mundo que o cerca” (ASSUNÇÃO; ASSIS;CAMPOS, 2012).

APROXIMAÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM A INDÚSTRIA CULTURAL – DO PONTO DE VISTA DO LAZER

O lazer assim como a cultura esportiva é uma temática que traz de prontidão a discussão entre IC e Educação Física, em virtude da chamada Indústria do Entretenimento. Esta última e o consumo dos bens produzidos para distração e diversão preenchem o tempo livre que seria destinado ao lazer, provocando a distorção do que seria de fato lazer, um elemento cultural que proporciona experiência formativa a partir de uma ação cidadã, igualitária e democrática. A forma como as pessoas usufruem o tempo livre e são induzidas a fazê-lo, o consumo desses bens e o convencimento e criação da necessidade de posse são os principais pontos de discussão nas pesquisas sobre o lazer e Indústria do Entretenimento.

Para tanto, Cavichioli; Mezzadri; Starepravo (2006), em sua pesquisa sobre a formação de hábitos e consumo de esporte e lazer em cidadãos paranaenses, alertam que é mais que necessário para a atuação governamental reconhecer que o momento atual é propício ao entendimento do tempo para transformação de hábitos e consumo no tempo livre da população.

Ao contemplar o que ocorre com a população os autores refletem à luz do conceito de IC e sua principal estratégia que é educar os consumidores de tal forma que permaneçam sedentos e receptivos aos novos produtos, cuja responsabilidade é atribuída à mídia e à publicidade. Através de artifícios como anúncios constantes do produto, tornam-se cada vez mais escassos os momentos de reflexão para o consumidor que busca na diversão do consumo

massificado uma vida mais humana, mas que ao final sempre deixa a sensação de esvaziamento. É este o poder da capacidade técnica que está a serviço da ideologia voltada ao negócio, ao prazer e à diversão permitidos pela IC: a produção de bens artísticos e culturais que possam ser consumidos.

A constatação de que o tempo livre como um momento propício para a reflexão, que ofereceria condições de certa independência, de certo distanciamento da própria sociedade que o produziu, não se estabelece na sociedade subordinada ao valor de troca, à valorização da mercadoria em detrimento do que proporcionaria uma experiência para a formação, para o exercício da cidadania e da autonomia. Tal constatação confirma o que os teóricos críticos puderam esclarecer acerca do processo da IC, a qual

Não é, pois simplesmente mais um ramo da produção na diversificada produção capitalista, ela foi concebida e reorganizada para preencher funções sociais específicas, antes preenchidas pela cultura burguesa alienada de sua base material [...] tem função de ocupar o espaço do lazer que resta ao operário e ao trabalhador assalariado depois de um longo dia de trabalho, a fim de recompor suas forças para voltar a trabalhar no dia seguinte, sem lhe dar trégua para pensar sobre a realidade miserável em que vive (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 72).

O lazer que então encontramos no rol das mercadorias da IC como um dos artifícios para o consumo de outros produtos é concebido por Mascarenhas (2005) como o Mercolazer, uma forma estereotipada do lazer, em vistas ao processo de mercantilização de produtos e bens simbólicos. Através de artifícios como anúncios constantes do produto, tornam-se cada vez mais escassos os momentos de reflexão para o consumidor, que busca na diversão do consumo massificado uma vida mais humana, mas que ao final sempre deixa a sensação de esvaziamento. E esse é justamente o poder eficaz da capacidade técnica que está a serviço da ideologia voltada ao negócio, ao prazer e à diversão permitidos pela IC.

O entretenimento, umas das estratégias da IC, é a mercadoria valorizada pela sociedade regida pelo capital. Por isso, Marin (2009) aponta em sua pesquisa sobre o “valor” da indústria do entretenimento que a esfera da diversão desempenha um papel de agente de mudança dos caminhos da sociedade, capaz de gerar um modelo de sociedade totalmente alicerçada no desenvolvimento do consumo na esfera do entretenimento. Para a autora as necessidades humanas de lazer, de diversão são reproduzidas pelo comércio e o entretenimento não faz exigência de público, engloba a todos e atua com e sobre os sentidos e as emoções humanas, para além do trabalho da razão.

A partir de tais reflexões na área do lazer percebemos a importância de compreender a

Educação Física como um dos responsáveis a vislumbrar o potencial desse todo como incentivador de uma "experiência formativa", como diria Adorno (2010). Para tanto, à EF deve estar claro o seu sentido enquanto componente educacional que se aproxima sem 'muros' de campos de pesquisa emergentes como é o caso do lazer.

APROXIMAÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM A INDÚSTRIA CULTURAL – DO PONTO DE VISTA DA ESCOLA

A realidade teórica e prática apresentada no âmbito escolar é um espaço de estudo rico de situações e possibilidades a serem exploradas e que inspira outros conceitos presentes na aproximação com a IC como a alienação, a educação não-emancipadora e a reprodução do sistema. Ao analisar a relação do conceito de IC no contexto escolar é possível averiguar que os conceitos sacrifício e dor² também se revelam nesse ambiente. Em pesquisa realizada por Torri, Albino e Vaz (2007) os protagonistas deste processo foram: professor/treinador e aluno/atleta, retratados e investigados em seu cotidiano de treinos e competições de futebol. O estudo acompanhou esta rotina, para investigar os aspectos da educação do corpo e organizaram os resultados em três categorias de análises ligadas à IC: 1) castigos, punições e sacrifícios; 2) formação humana x sonho de profissionalização; 3) rituais como técnica.

Os dados do diário de campo demonstraram várias situações analisadas sob o viés do conceito aqui estudado. A disciplina está muito presente na rotina dos protagonistas, tanto sobre a dedicação e esforço, e principalmente quanto à atenção que não deveria ser despendida aos pais presentes na arquibancada durante o jogo. Adorno (apud Torri; Albino e Vaz, 2007, p. 504) “defendia que a escola deveria oferecer às crianças experiências formativas [...] o que reforça o caráter autoritário do disciplinamento corporal”. Neste sentido, o ‘sacrifício e a dor’ podem ser considerados elementos necessários por este professor para ‘vencer’.

Outra característica representada neste sentido é o questionamento realizado pelos próprios alunos, sobre a legitimidade das atividades propostas. Em resposta, professor se impunha e não aceitava questionamentos. Assim, os autores propõe o conceito de Adorno à crença de que “uma educação para a severidade traria benefícios pedagógicos”, pois sugere o aprendizado da dureza consigo mesmo e conseqüentemente ao sofrimento em geral, associado à ciência reificada.

² Também ligados ao tema saúde/estética.

Desta forma os autores Torri; Albino e Vaz (2007, p. 510) destacam a importância da IC nos “processos de conformação das práticas esportivas no ambiente estudado: normas, expectativas, vocabulário e práticas estão fortemente referenciadas no esporte-espetáculo”, bem como conhecemos por meio da indústria do consumo e entretenimento, enquanto produto consumido até mesmo nas práticas escolares.

CONSIDERAÇÕES: À GUIA DE EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS

Em vista do que apresentamos sobre IC e Semicultura percebemos a necessidade de apresentarmos também o que poderíamos chamar de elemento de formação, a educação, a qual deveria, para Adorno (2010), ser um fator de emancipação, mas ainda não o é necessariamente. Assim, o processo formativo, de cunho emancipador, poderia despertar um potencial que pudesse desencadear atitudes autônomas das pessoas para além do que nos é posto cotidianamente.

Já a IC tem por objetivo esse estado ignóbil de saber ou semi-saber, deixa às pessoas “uma falsa experiência restrita ao caráter afirmativo, ao que resulta da satisfação provocada pelo consumo de bens culturais” (ADORNO, 2010, p.23). Adorno (2010) indaga então: Para onde a educação deve conduzir? Para a heteronomia como vemos ainda hoje ou para a autonomia a emancipação há tantos séculos almejadas? “A educação não deve ser pela modelagem de pessoas, nem da mera transmissão de conhecimentos, mas à produção de uma consciência verdadeira”, nos diz o autor (2010, p. 141).

Crítico dos meios de comunicação, inclusive da televisão, Adorno (2010) aponta a dimensão formativa operada pela IC, como um processo de semiformação. De algum modo os meios de comunicação e informação contribuem para divulgar ideologias e dirigir de maneira equivocada a consciência dos espectadores, apesar de não duvidar do potencial verdadeiramente formativo dos meios.

A partir da descrição de Pires (2002) compreendemos que a mídia é o braço operacional da IC, fato confirmado no dialogo apresentado, pois nele os meios de comunicação e informação são pontos de discussão e, normalmente, foco principal nesse conteúdo. Consideramos que a cultura corporal em geral e a cultura esportiva tornaram-se ao longo do tempo os produtos principais dos meios impressos, digitais e televisivos, por isso, a pesquisa em Educação Física apresenta forte tendência a discutir a transmissão e transformação do seu conteúdo pelos meios à luz da crítica ao processo da IC. Nesse sentido, pode-se concluir que a Educação Física, nas suas diversas áreas de pesquisa, sofre influência

da IC evidenciando a necessidade de uma formação emancipatória.

APROXIMACIONES DA EDUCACIÓN FÍSICA COM LA INDUSTRIA CULTURAL

RESUMEN

Este estudio ofrece una breve contextualización histórica sobre el movimiento de la Teoría crítica con un enfoque en la discusión de la Industria Cultural y Semicultura abordando el tema en el ámbito de la Educación Física. El objetivo es mostrar como las investigaciones dialogan con el concepto de la Industria Cultural y como esta interacción es pertinente. Esta aproximación fue propuesta por medio de la relación entre Educación Física y cuatro temas de la investigación: el arte, la salud, el ocio y la escuela. Para eso, buscamos artículos científicos en cuatro revistas del área. Al fin, fue notable la importancia de una formación emancipadora, capaz de desencadenar actitudes críticas y autónomas, para más allá de lo que se pone cotidianamente.

PALABRAS CLAVE: Teoría Crítica; Industria Cultural; Semicultura; Educación Física.

PHYSICAL EDUCATION APPROACHES TO CULTURAL INDUSTRY ABSTRACT

*This paper provides a brief historical background on the critical theory trajectory focusing in discussion of Cultural Industry (CI) and Semi culture, approaching the issue in Physical Education context. The goal is to show how Physical Education studies dialogue with the concept of cultural industry and how relevant this interaction is. This approach was proposed by the relationship between the concept of CI and four Physical Education themes: art, health, leisure and school. We search scientific papers in four journals: *Motrivivência*, *Movimento*, *Pensar a Prática e Educação e Sociedade*. We conclude the importance of emancipatory education, that is capable of triggering critical and autonomous attitudes.*

KEYWORDS: critical theory, cultural industry; semi culture; physical education.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. 2006.

ARAÚJO, Rafael. Caderno especial - Escola de Frankfurt. **Ciências Sociais: cibercultura**, Bauru, v. 1, n. 1, p.51-61, abr/maio. 2012.

DUARTE, Rodrigo. **Teoria crítica da indústria cultural**. Belo Horizonte – MG: Editora

UFMG, 2007.

_____ O que está vivo na estética de T. W. Adorno. In: Hardok-Lobo, Rafael (Org.) **Os filósofos e a arte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

CAVICHIOILLI, Fernando Renato; MEZZADRI, Fernando Marinho; STAREPRAVO, Fernando Augusto. Consumo e Formação dos Hábitos de Esporte e Lazer. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 241-271, maio/agosto de 2006.

FREITAG, Barbara. **A Teoria Crítica Ontem e Hoje**. São Paulo-SP: Brasiliense, 1994.

MARIN, Elizara Carolina. Entretenimento: uma mercadoria com valor em alta. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 15, n. 02, p. 211-231, abril/junho de 2009.

MASCARENHAS, Fernando. Lazer e utopia: limites e possibilidades de ação política. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 155-182, setembro/dezembro de 2005.

NEPOMUCENO, Marília. O corpo na dança: uma reflexão a partir dos olhares da indústria cultural. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.13, n.1, p. 1-19, jan/abr. 2010.

NOBRE, Marcos. **Teoria Crítica: Filosofia passo-a-passo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

PIRES, Giovani de Lorenzi. **Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

SCHWARTZ, Gisele Maria. A arte no contexto da Educação Física. **Motriz**, v. 5, n. 1, junho, 1999.

SILVA, Pierre Normando Gomes da; GOMES, Eunice Simões Lins. Eternamente jovem: corpo malhado, ficção televisual e imaginário. **Pensar A Prática**, Goiânia, v. 11, n. 2, p.197-207, maio/ago. 2008.

TELLES, Yuri Ximenes Ávila Siqueira; COSTA, Raphael Marques de Miranda; SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. Indústria cultural e a indústria da saúde: um olhar Frankfurtiano sobre a saúde coletiva, no âmbito da lógica de consumo. In: Encontro Nacional Da Abrapso, 2009, Maceió. **Mídia, comunicação, linguagem e objetivações artísticas**. Maceió: Associação Brasileira de Psicologia Social, 2009. p. 1 - 10. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/index.php?option=com_content&task=view&id=346&Itemid=96>. Acesso em: 02 jan. 2013.

TORRI, Giselle; BASSANI, Jaison José; VAZ, Alexandre Fernandez. Dor e tecnificação no contemporâneo culto ao corpo. **Pensar A Prática**, Goiânia, p.261-273. 2007.

TORRI, Danielle; ALBINO, Beatriz Staimbach; VAZ, Alexandre Fernandez. Sacrifícios, sonhos, indústria cultural: retratos da educação do corpo no esporte escolar. **Revista**

Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 499-512, set/dez. 2007.

ZUIN, Antônio A. S. Sobre a atualidade do conceito de Indústria Cultural. **Caderno Cedes**, ano XXI, n. 54, agosto/2001.